

A PROPÓSITO DE UM HEROI DA RETIRADA DA
LAGUNA, FALECIDO EM ALFENAS (MG):
GENERAL COSTA CAMPOS.
(1849-1936).

FLAMMARION PINTO DE CAMPOS
General de Divisão R/l.

Naquela São Paulo que nunca fora bucólica e que centralizava o movimento para o interior do Império, no dia de Reis — 6 de janeiro de 1849 — numa das residências do "triângulo", nascia João Antônio da Costa Campos que, mais tarde, inscreveria o seu nome no Bronze dos Heróis.

Sua infância de "paulista paulistano" como dizia até com certo orgulho, passou-se naquele local que sempre foi lembrado com saudade, ao ponto de recordar as suas descidas por um trilho que é hoje a Avenida São João, e o conduzia ao Anhangabaú, a u'a mina, junto a um coqueiro, onde apanhava água para levar à sua casa.

Seu primeiro Mestre foi o Sr. Telles que lhe deu o impulso inicial. Depois, no Colégio do Sr. Ferrão, aumentou seus conhecimentos. A seguir, internou-se no Colégio Santo Antônio, do grande educador Cônego Pereira, à rua dos Inválidos, na cidade do Rio de Janeiro, então a Corte.

Terminados os preparatórios, seguiu com seu Pai — Cap. Inf. João Antônio da Costa — para Ouro Preto, Minas Gerais, onde estava sediado o "Corpo Fixo" da Guarnição dessa Província e do qual era o Capitão um dos seus Oficiais. Isso se deu nos primórdios de novembro de 1864.

Nos últimos dias desse ano, chegava na Capital da Província a notícia do apresamente em Assunção, no Paraguai, do vapor (*sic*) brasileiro "Marquês de Olinda", no qual viajavam muitos brasileiros, dentre os quais o Cel. Frederico Carneiro de Campos, então nomeado

Presidente e Comandante das Armas da Província de Mato Grosso e a da invasão do território Pátrio, no Sul dessa Província.

O reboliço foi grande na Vila e arredores, como o fora certamente aonde a notícia chegara, seguido de brados de revolta.

Logo depois, segundo instruções da Corte, proceder-se-ia à mobilização de Corpos de Tropa com a finalidade de combater o invasor das terras brasileiras que, segundo aí constava, já se adentrara pelo território matogrosense e marchava em direção Norte, para Cuiabá e para Leste, visando as fronteiras de São Paulo e de Minas Gerais.

Uma passeata com música e bandeira, organizada pelos jovens de Ouro Preto, incitava o povo a uma demonstração de repulsa ao atentado à Pátria. Dentre os presentes, o jovem Costa Campos, de 16 anos apenas, que no auge do seu entusiasmo cívico, na Praça, subindo a um monte de pedras, junto a uma construção, pede a palavra e, inflamado, concita a todos a pegar em armas para um revide à altura da afronta.

Por aí passava, na ocasião, seu Pai que, atento e feliz, ouviu o filho. Após a fala, chama-o e pergunta-lhe o que desejava. A resposta foi pronta: incorporar-se à Tropa que seguiria para os campos de batalha. E isso foi feito imediatamente.

Constituída a Brigada Mineira, seguiu ela para o primeiro destino: Uberaba, aonde outros Corpos se lhe juntaram. Aí, foi reorganizada a Tropa e um novo comandante foi nomeado.

Já, então, o voluntário Costa Campos, que a 2 de janeiro de 1865 assentara praça, *sem pecúnia*, em Ouro Preto, fora destinado para a 4ª Companhia do 21 de Infantaria, na qual, por estudos, foi promovido a Cabo de Esquadra, a Furriel e a 2º Sargento. Mas, por ser filho de Capitão e de acordo com a Lei, após verificar dos seus direitos, foi reconhecido Cadete de 2ª Classe. E, também, pelos seus conhecimentos, passou a exercer as funções de Amanuense da Repartição do Ajudante General, junto ao Comando da Brigada. Pouco depois, a de Amanuense da Repartição do Assistente do Quartel Mestre General da 2ª Brigada, em Coxim, já na Província de Mato Grosso, aonde foi a tropa considerada "em operação de guerra".

Em março de 1866 fez exame da arma e passou plenamente. Em 8 de junho de 1866 passou a Amanuense Quartel Mestre em Comissão e em 22 de outubro desse ano a Alferes em Comissão. Nessas alturas dos acontecimentos, já a Tropa se deslocava em direção Sul e para o Norte da República do Paraguai. Em 21 de abril de 1867 atravessou o Apa e acampou no Forte de Bela Vista, já no Paraguai, de onde

sairam os adversários sem dar combate. Após um descanso justo, rumou, então, a Expedição para o Sul, passando por Vila Conceição e a 1º de maio acampou na Invernada da Laguna que diziam ser uma das fazendas do Ditador Solano Lopes.

Todavia, a situação precária era que encontraram tudo nessa região, agravada também com a falta de alimentos e ainda, face ao alongamento demasiado da linha de comunicações e de abastecimento, assim como por dificuldades sem fim que foram encontrando, fizeram com que o Conselho de Guerra se reunisse e tomasse uma decisão de relevo, qual a de retornar à Pátria!

E foi no dia 8 de maio de 1867 que a Expedição iniciou o seu regresso. Entretanto, o que lhe estava reservado era impossível de conceber-se ou de imaginar! A pena habil e segura de Taunay, que viveu aqueles instantes de angústias e de apreensões, pode traduzir, sem reboços, com as cores mais vivas, os lances épicos e dramáticos dos 34 dias sofridos, beneditamente, por aquele punhado de bravos!

Foi no combate de 11 de maio de 1867, no Nhandipá, que o então Alferes Costa Campos teve uma oportunidade a mais para demonstrar o seu valor. A tropa em marcha, fustigada insensatamente pelo inimigo, já exaurida de munição, via o adversário preparar-se para uma nova carga com a sua cavalaria. Isso, se não fosse rechaçado à altura e no tempo devido, dizimaria os soldados brasileiros. Eis que, num gesto de desprendimento, sai do Quadrado de seu batalhão e vai ao depósito de munição, aonde apanha o que pode, de cartuchos e de espoletas e, de contínuo, distribui-os à tropa com presteza. Graças a isso, ao voltar à carga a cavalaria adversa, encontra fuzilaria cerrada, perde grande número de elementos e de tal porte que retrocede para não mais voltar.

Testemunhado por seu Comandante esse seu gesto heróico, ao final do combate, na parte respectiva, foi citado especialmente, o que lhe valeu por parte do Governo Imperial, a concessão da Comenda da Ordem da Rosa no grau de Cavaleiro, "por atos de bravura no combate de 11 de maio de 1867".

Terminada a épica jornada, foi para Cuiabá. Aí, casou-se com a Sra. Elisa Franco de Camargo. Ainda, nessa Capital foi Secretário da Presidência da Província e do Comando das Armas dos quais era titular o Dr. José Vieira Couto de Magalhães, até quando foi mandado recolher-se ao 21 de Infantaria que embarcou com destino a Assunção, no Paraguai. Por algum tempo aí esteve com o seu Batalhão como tropa de ocupação e, depois, seguiu para a Vila de São Pedro, acima dessa Capital, a fim de fazer parte da Tropa que iria ser empregada na

Campanha da Cordilheira. Finda a guerra, retorna ao País e continua a sua carreira.

Quando do seu regresso da Expedição ao Sul de Mato Grosso, foi especialmente elogiado por S. M. o Imperador D. Pedro II "por ter feito parte daquela Expedição e pela gloriosa retirada do Apa". Mais tarde, foi elogiado por S. A. o Príncipe Conde D'Eu, Marechal e Comandante das Forças Brasileiras no Paraguai, na sua fase final, "pelos relevantes serviços prestados à Pátria".

Tendo vindo para a Corte, foi graduado ao posto de Alferes no qual era comissionado e mandado matricular-se na Escola Militar. Por Decreto de 31 de janeiro de 1872, foi promovido ao posto de Alferes. Terminado o seu curso na Escola Militar, foi mandado servir em Goiás. Serviu na Capital da Província até ser designado para Comandante do Destacamento Militar dos Chambioás, à margem direita do rio Araguaia, 3 léguas acima do Presídio Militar de São José dos Martírios, no extremo NO da Província, onde existiam os índios Carajás-hy, Coroados e Nachedache. O Destacamento ficava um pouco abaixo da Cachoeira Grande, perto da Boa Vista. O Presídio, depois, foi restabelecido em Barreira de Campos, uma légua abaixo de Itaipareas, também, lá no NO de Goiás.

Comandou esse posto de verdadeiro sacrifício, de 18 de agosto de 1878 até 12 de maio de 1880.

Foi mandado para a Corte a fim de responder a Conselho de Justificação e depois ao de Guerra, "por ter exorbitado das prerrogativas de seu posto" (*sic*) e foi, pelo Conselho Supremo Militar de Justiça, absolvido por unanimidade.

Voltou a Goiás e de lá foi transferido para o 109 de Infantaria, na Corte, onde permaneceu até ser designado Ajudante de Ordens, agora já como Tenente, da Presidência da Província de Minas Gerais, da qual era titular o Barão de Camargos. Nessa função, que exerceu de 7 de fevereiro de 1888 até 18 de julho de 1889, mereceu vários elogios, os quais sempre destacavam o "zelo, inteligência e lealdade no desempenho de seu cargo".

No Quartel, durante seu tempo de serviço, embora tenha sofrido algumas punições pela sua "forte personalidade e independência" mereceu os mais significativos louvores "pelo dedicado esforço, escrupulo, critério e ordem com que se havia nas suas funções".

Em março de 1890 solicitou reforma e deixou o serviço ativo do Exército. Logo depois, adquiriu uma ilha em frente ao porto de Man-

garatiba e aí estabeleceu uma fábrica de conserva de sardinhas e um engenho de açúcar. Pouco depois ficava viuvo da Sra. Elisa Franco de Camargo Campos.

Pela sua sempre grande atividade e maneira de proceder, foi eleito Intendente de Mangaratiba. Seu modo de ver as cousas e sua larga visão, em pouco tempo transformou a cidade para melhor, o que lhe proporcionou ajuda de todos, pois grangeara, assim, simpatia do povo daí e das localidades vizinhas atingidas pelo progresso em tudo. E de tal maneira captou a amizade de muitos que, por ocasião das eleições para Deputado Estadual, de agosto de 1893, dentre 6 candidatos, foi o mais votado e eleito com 7.249 votos. Exerceu o seu mandato até 9 de novembro de 1894.

Mas, os acontecimentos que abalaram o País, promoveram a mudança de Governo do Mar. Deodoro da Fonseca para o Mar. Floriano Peixoto, o qual era seu amigo desde os idos da Guerra do Paraguai.

E é interessante ressaltar aqui que, certa feita, estando em sua fazenda, na ilha, recebeu de um amigo, do Itamaratí, então sede do Governo da República, um bilhete avisando-o de que um Pelotão estava indo ao seu encontro a fim de prende-lo e fuzila-lo sumariamente. Ante isso, tomou uma lancha e rumou para alto mar, conseguindo embarcar num navio grego que passava por aí e vir até o cais Pharoux, no Rio de Janeiro, onde desembarcou como marinheiro grego. Mudou sua roupa e dirigiu-se para o Palácio e avistou-se com o Presidente que, admirado, declarou-lhe não haver dado aquela ordem.

Isto lhe valeu a convocação para comandar a 3ª Linha do Litoral da Brigada de Observação, no posto de Major. Aceitou-o, porem, *sem vencimentos*.

Na política não foi feliz e quando voltou a candidatar-se perdeu e perdeu o que tinha: fazenda, fabricas, tudo...

Desgostou-se da política e, após algum tempo, procurou um seu amigo de Mato Grosso, que conheceu ao tempo da guerra e que agora estava como Ministro da Fazenda — o Dr. Joaquim Murtinho, o qual o nomeou Fiscal do Imposto de Consumo, para o Sul de Minas, porque, dizia ele, queria morrer longe do Rio de Janeiro, onde "o preço da cova era mais barato".

Nas suas andanças, nessa função, conheceu muito de Minas e fazia "pião" em Alienas. Sempre solícito, falante, cortês e como homeopata, grangeou muita amizade. Conheceu em Alienas a sua futura 2ª esposa — Sra. Porcina Augusta Pinto, com quem se casou em 24 de dezembro de 1904 e aí montou o seu novo Lar, o qual foi enriquecido com seis rebentos: Allan Kardec, que morreu como advogado,

professor e jornalista; Flammarion, hoje General de Divisão da Reserva do Exército; Mario, industrial em São Paulo; Hermes, que morreu aos 3 meses; e as gêmeas Maria José, falecida e Celina de Maria. Em 1910 foi votada e sancionada uma Lei que impedia a acumulação de ordenados e ele teve que optar. Ficou com os proventos do Exército que, à época haviam sido reajustados. Os Veteranos da Guerra do Paraguai tiveram melhoria de reforma, o que lhe valeu, também, as honras do posto de Coronel. Em março de 1911 deixou o cargo de Fiscal do Imposto de Consumo, porém, jamais deixou de trabalhar pela Pátria, apesar da idade, sendo nomeado, logo, depois, Agente Municipal Recenseador de Alienas. Em 1917, foi nomeado Instrutor do Tiro de Vila Gomes do Areado e da Escola de Farmácia e Odontologia de Alienas. Em 1919, foi nomeado pelo Exmo. Sr. Dr. Arthur da Silva Bernardes, então Presidente de Minas, Inspetor Escolar no município de Alfenas.

Em 1920, por Decreto de 20 de agosto, foram-lhe concedidas as honras do posto de General de Brigada, com patente assinada pelo Presidente Epitácio Pessoa e referendada pelo Ministro da Guerra Dr. João Pandiá Calógeras. Em 1924, foram-lhe concedidas as honras do posto de General de Divisão, com a respectiva melhoria dos proventos, por ser um dos últimos sobreviventes Veterano da Guerra do Paraguai e Herói da Retirada da Laguna.

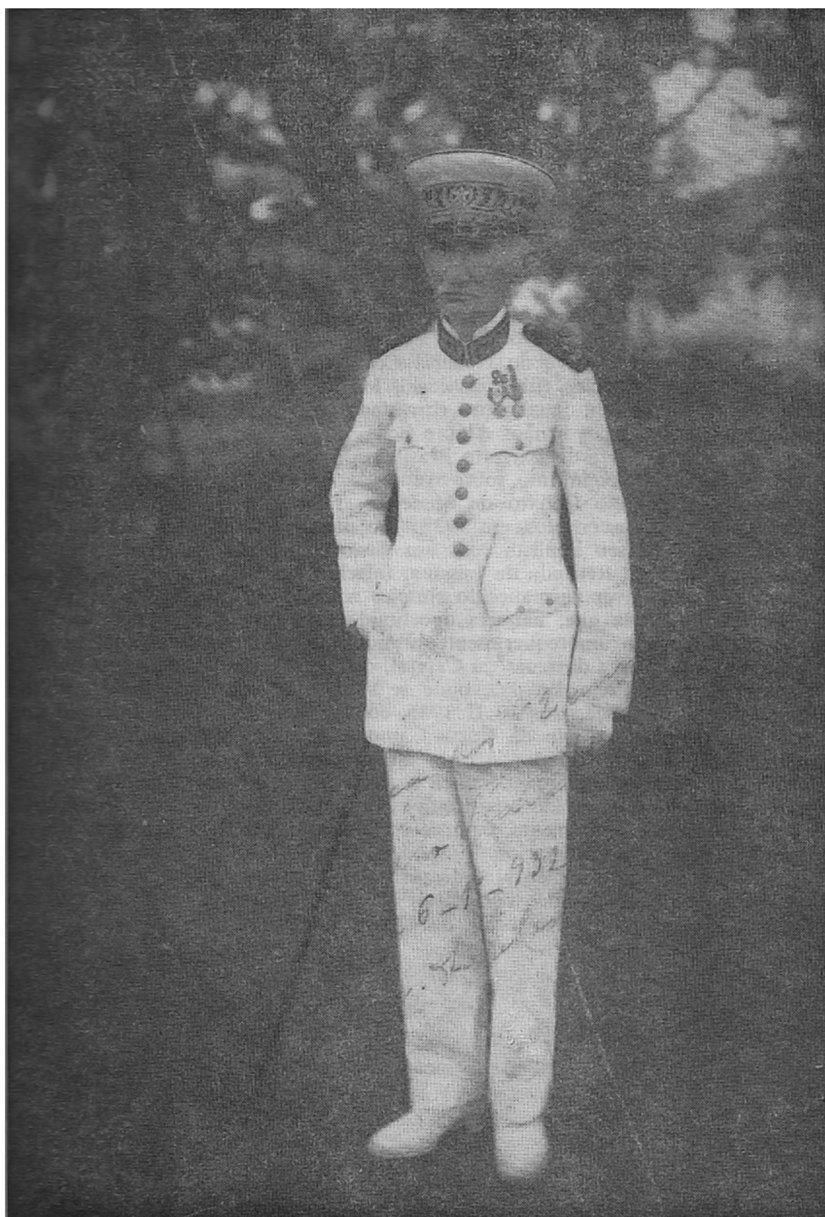
Exerceu, por fim, em 1921, o cargo de Juiz de Paz de Alfenas para o qual fora eleito.

Na cidade que elegera para o seu novo chão e onde constituiu família, jamais deixou de pugnar pelo seu bem e pelo do Brasil.

Com a sua extremada companheira educou seus filhos para bem servirem à Pátria e, enquanto viveu, deu exemplo de patriotismo sadio. Nas festas cívicas era um orador que empolgava com suas palavras cheias de entusiasmo e de amor à terra que lhe serviu de berço.

Morreu com a certeza de ter deixado algo de bom à sua Pátria. Seus restos mortais acham-se depositados na cripta do Monumento aos Heróis da Laguna e de Dourados, na Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro, junto aos de seus companheiros da épica jornada: Cel. Carlos de Moraes Camisão, Comandante da Expedição; Ten. Cel. Juvêncio Manoel Cabral de Menezes, sub-Comandante; José Francisco Lopes, civil e Guia da Expedição; Ten. Antônio João Ribeiro, o Herói da Colônia Militar de Dourados; e o 1º Cirurgião Dr. Manoel de Aragão Gesteira.

Foi galardoado pelo Imperador D. Pedro II, além da Comenda de Cavaleiro da Ordem da Rosa, com a Medalha de Prata da "Constância e Valor" da Campanha de Mato Grosso em 1867 e com a Me-



O General João Antônio da Costa Campos nasceu nesta Capital aos 6 de Janeiro de 1849 e faleceu em Alienás, sul de Minas Gerais, aos 7 de janeiro de 1936. Das múltiplas vertentes de uma bela vida de soldado, político, cidadão, merece destaque o fato de haver sido o ante-penúltimo sobrevivente conhecido da "Retirada da Laguna", acontecimento impar no contexto da Guerra do Paraguai (1865-70).

Registre-se que o clichê reproduz a mesma foto, veiculada pelo periódico oaulistano *A Gazeta*, na edição de 16.XI. 1948, sob o título: *O último sobrevivente da Retirada da Laguna? — Um cochilo no Museu do Ipiranga.*

"Cochilo", porquanto à contestação do garoto Ned, ex-aluno do Grupo Escolar "Cel. José Bento" de Alienás, foi feita uma pesquisa, veiculada no periódico acima citado. Que acionou imediata e expressiva receptividade. Entidades culturais, e até governamentais, foram levadas a corrigir uma injustiça, a comemorar o 1.º centenário de nascimento de João Antônio da Costa Campos. Nesta capital, a sessão cívica de encerramento, ocorreu no dia 6 de janeiro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico (IHGSP). Especialmente convidada, compareceu a viuva do General Costa Campos, Dona Porcina, acompanhada de dois dos cinco filhos do casal, Mário e Celina. Esclareça-se que o então Major Flamarion, igualmente convidado, não pode comparecer por necessidade de serviço e, os irmãos Alan e Beca, pois já eram falecidos. Com base em pesquisa nos ANAIS do Exército Brasileiro, esclarece-se que o General Costa Campos fora o ante-penúltimo sobrevivente da Retirada de Laguna, porquanto seguiram-lhe o capitão Calixto de Medeiros, falecido em 1937 e o General Rafael Tobias de Vasconcelos, em 1938. Ao passo que Joaquim Rebelo, então imortalizado no Museu Paulista com um busto de mármore e os dizeres: "último sobrevivente da Retirada da Laguna, falecido em Jaú, em 1926", teve vida obscura e parece haver permanecido simples soldado.

Registre-se ainda que, naquela oportunidade, a imprensa oficiosa noticiou haver sido aprovado um requerimento proposto na Câmara Municipal no sentido de ser dada a uma das ruas da Capital o nome do *General Costa Campos*. De preferência na Freguesia d'O, onde se situa o *Monumento dos Heróis da Laguna*, cuja inauguração aos 10.II.1935, contou com a presença física do saudoso General João Antônio da Costa Campos, havendo sido orador oficial, o igualmente saudoso historiador Afonso d'Esgrangnolle Taunay.

Ao que se sabia, tal projeto nunca se concretizou e, por razões que se desconhece, continua engavetado nos arquivos da entidade representativa da vontade dos paulistanos. Finalmente, cumpre esclarecer que a foto ilustrativa do depoimento do General Flamarion Pinto de Campos, sob a vida de seu ilustre Pai, reproduz o quadro a óleo pintado pelo artista alfenense Douat Filho, quando o General Costa Campos completou 82 anos, oferecida ao casal, também alfenense, Manoelzinho e Juvencina da Cunha Rodrigues.

(Nota de Maria Regina).

dalha da Campanha do Paraguai, com o Passador de Prata de nº 5 (5 anos de luta); com a Medalha de Prata da República Argentina; e com a Medalha com Sol de Prata da República do Uruguai. Estas duas concedidas pelos respectivos Governos por terem feito parte da Tríplice Aliança. Suas cartas patentes e diplomas têm assinaturas do Imperador D. Pedro II; da Princesa Izabel, Regente; Do Marechal Deodoro da Fonseca; do Marechal Floriano Peixoto; do Pres. Epitácio Pessoa; dos Ministros Dr. João Pandiá Callogeras e General Setembrino de Carvalho; do Barão da Penha; do Visconde da Gávea; do Barão do Mattoso e Mar. de Campo; do Visconde de Maracajú; do Barão de Inhaúma; e do Dr. Arthur Bernardes.

Assim, aquele jovem combatente da Retirada da Laguna em 1867 e depois na Campanha da Cordilheira, no Paraguai, veio, pelo tempo afora, dando exemplo digno e tudo de si em benefício do Exército e da Pátria! Constituiu família que dignificou e foi um Cidadão que não se esqueceu do seu berço — São Paulo — e sempre ensinou a amar e amou, com carinho desvelado, essa terra dadivosa e boa que é o nosso querido BRASIL!